

UMA LEITURA SOBRE A GLOBALIZAÇÃO E AS CONCEPÇÕES DE PODER EM JOSEPH NYE

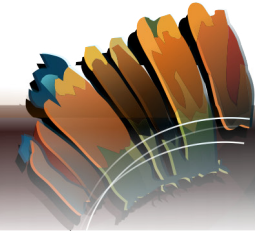
Andreza de Melo Lima³

RESUMO

Analisar, compreender e teorizar sobre o cenário político internacional, é uma tarefa que não só requer aprofundamento teórico e percepção crítica pautados nas questões presentes, mas também exige uma compreensão de dados e contextos históricos distintos. Tendo esta percepção como ponto de partida, buscou-se, no presente artigo, compreender os conceitos atuais de poder aplicados ao mundo político a partir da teoria liberal. Porém e especificamente, o foco deste trabalho esteve diretamente ligado ao aprofundamento do conceito de Soft Power – ou poder brando, cunhado por Joseph Nye. Para uma compreensão didática do tema, optou-se por descrever brevemente o cenário político mundial que possibilitou o surgimento de novas perspectivas de análise – neste caso, o período do Pós-Guerra Fria e do início da globalização. Joseph Nye dá início à sua teoria a partir dos conceitos de poder anteriores a este período, e mostra como a nova configuração mundial que se estabeleceu por meio do sistema de redes globalizadas, reconfiguraram os discursos e modelos de atuação políticas no cenário internacional. Entretanto, Nye vai além e mostra que o Hard Power (poder duro), apesar de perder muita força para o Soft Power (poder brando), não deixou de ser uma opção dos Estados, e mostra que o uso associado dos dois poderes – que geram o Smart Power (poder inteligente) – é ainda mais eficaz ao Estado que domine a arte de utilizá-lo. É com essa percepção que o autor mostra a evolução do conceito de poder e mostra como eles se aplicam ao momento presente. Mesmo partindo da necessidade de se compreender o poder brando, percebeu-se que o poder inteligente é a forma mais evoluída de poder político, segundo as considerações do autor.

Palavras-chave: conceito, globalização, poder, soft power.

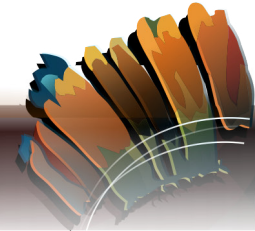
³ Graduanda em Relações Internacionais na Universidade Federal de Roraima, vinculada ao PIBIC-UFRR.



ABSTRACT

To analyze, understand and theorize about the international political scene, is a work that not only requires further theoretical and critical perception guided the issues present, but also requires an understanding of data and different historical contexts. With this perception as a starting point, we sought understand the current concepts of power applied to the political world from the liberal theory. However, and specifically, the focus of this work was directly connected to the deepening of the concept of Soft Power coined by Joseph Nye. For an understanding of the didactic theme, we chose to describe briefly the political world that made possible the emergence of new perspectives of analysis - in this case, the period of post-Cold War and the onset of globalization. Joseph Nye begins to give birth to his theory of power concepts prior to this period, and shows how the new world configuration that was established by means of the system of globalized networks, reconfigured discourses and models of political action on the international scene. However, Nye goes further and shows that the Hard Power, despite losing a lot of power for Soft Power it ceased to be an option of the States, and shows that the combined use of the two powers - which generate smart power - is even more effective that the State has mastered the art of using it. It is with this realization that the author shows the evolution of the concept of power and shows how they apply to the present moment. Even based on the need to understand soft power, it was noticed that smart power is the most evolved form of political power, according to the considerations of the author.

Keywords: concept, globalization, power, soft power.



INTRODUÇÃO

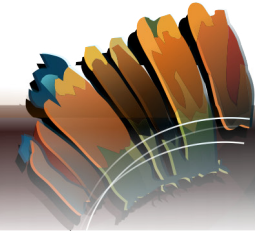
O estudo do poder, como um todo, não é algo novo. Desde a Grécia clássica, pensadores discutem o tema em voga. Na contemporaneidade, Joseph Nye (2002) tem se destacado em seus estudos relativos a alguns conceitos de poder. Ele aborda mudanças significativas quanto ao exercício do poder em perspectiva histórica, que datam do século XVI ao XXI. Essa escolha permite a ele iniciar suas reflexões a partir do que define como *Hard Power*, poder militar e econômico adquirido por uma potência tornando-a insuperável por qualquer outra. A partir desta categoria, o autor percebe nuances diferentes no exercício do poder, definindo o termo *Soft Power*.

De acordo com seus argumentos, o *Soft Power* emerge no cenário político com o fim da Guerra Franco-Prussiana⁴, onde na tentativa de restaurar seu prestígio, a França promoveu o ensino de sua língua e a divulgação de sua literatura. Essa capacidade de influenciar uma nação com base na promoção de valores e culturas é, uma demonstração do exercício do *Soft Power*.

Uma nação interessada no *Soft Power* não deve se tornar arrogante ou unilateral, porque deturpa a mensagem que o Estado tenta repassar. No entanto, essa ação aparentemente simples de executar, perde capacidade a partir do momento em que a revolução da informação adentra no cenário político, trazendo consigo desafios que, mesmo sutis, afetam a posição de soberania e controle estatal.

Por isso Nye defende que as ações de um Estado na contemporaneidade estão diretamente ligadas à globalização, que se caracteriza pelo crescimento das redes mundiais de interdependência.

4 Conflito entre França e Prússia no final do século XIX. Buscava-se estabelecer o equilíbrio de poder entre as grandes potências após as Guerras Napoleônicas. Prússia tinha como intuito conter a influência da França, que era contrária a integração dos Estados do Sul da Alemanha na formação de um novo país dominado pelo Reino da Prússia, chamado de Império Alemão. Os franceses perderam a guerra porque o exército prussiano era maior, mais organizado e possuía uma tecnologia em armamentos superior.



A GLOBALIZAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O PODER

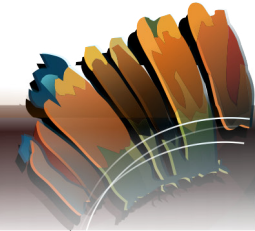
Erick Hobsbawm também analisa enfaticamente as relações e o exercício do poder e, diferentemente de Nye, aponta que a globalização é fruto de uma hegemonia econômica liderada pelos EUA. No entanto, Nye (2002, p.136) diz que “[...] a ideia de que a globalização é sinônima de americanização é simplista.” Isso ocorre, porque os americanos detêm um amplo grau de hegemonia na economia e na linguagem em que se disseminam as novas informações, além de usarem princípios neoliberais na sua formatação política e no que diz respeito à economia.

Nye (2002) também analisa as contribuições de outros pensadores sobre a globalização enquanto um fenômeno igualmente político e chega a conclusão de que esta não se resume ao domínio ocidental sobre as demais regiões do mundo. Para ele o domínio dessas redes afeta a todos os países, independentemente de serem ou não detentores de alguma hegemonia. Ou seja, “a globalização não é intrinsecamente americana, ainda que boa parte do seu conteúdo atual seja muito influenciada pelo que se passa nos Estados Unidos”. (NYE, 2002, p.139)

A globalização é *americanocêntrica* porque grande parte das informações lançadas ao mundo é proveniente dos EUA. Além de que o fato de uma potência interligada a uma grande rede de interdependência não a torna universalista. O autor entende que existem algumas desvantagens da globalização como o fato dela proporcionar o alicerce para o aumento do abismo cada vez mais crescente entre os ricos e os pobres. No geral, a globalização está muito ligada a fenômenos econômicos, com os mais ricos tendo maior facilidade de acesso às redes.

A globalização não é recente, já ocorrendo há séculos. O que a caracteriza contemporaneamente como um alvo de estudos e especulações da mídia e da academia é a sua nova forma. Atualmente, ela é *mais ágil*, porque é capaz de avançar cada vez mais depressa, *menos custosa*, devido aos acordos entre Estados, que são cada vez mais *frequentes* e, *mais profunda*, devido as vantagens em comum que cada participante desses acordos recebem.

Dessa forma, percebem-se vários tipos de globalização, as quais Nye (2002), explica por meio da comparação com um sistema de redes interligadas a um núcleo, com elas interagindo e sofrendo alte-



rações todas as vezes que passam pelo mesmo. Mas devido à capacidade de crescimento cada vez maior e de interagir entre si sem depender do núcleo, altera a relação de trocas.

No caso da hegemonia de um Estado esse poder encontra-se em risco a partir do momento em que as informações e qualquer tipo de interação se fizerem de maneira direta e se tornarem independentes dessa nação. É essa noção que Nye (2002, p.142) sistematiza quando comenta que “a globalização tornou as fronteiras [...] universais e que a homogeneização não acompanha necessariamente a globalização”.

De forma sintética, tem-se a ideia de que redes globalizadas se encontram subdivididas nas seguintes categorias:

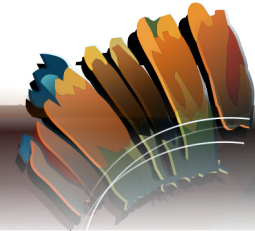
a) Globalização **econômica** contemporânea, que se diferencia das anteriores por sua magnitude, complexidade e velocidade, apresentando desafios cada vez maiores à política externa;

b) Globalização **militar**, que se tornou mais complexa devido à *desglobalização militar* gerada pelo fim da Guerra Fria, na qual os antigos modelos de disputas entre Estados não mais representam relevância para o equilíbrio de poder;

c) Da globalização militar surge a Globalização **social**, ligada a acordos e movimentos a favor dos direitos humanos exercendo pressão por meio de suas intervenções humanitárias. Essa globalização é entendida como uma forma de *Soft Power*. Alude-se que essas intervenções ocorrem por meio de forças militares e, mesmo tendo alguns efeitos positivos, também se mostram negativas ao subsidiarem ações terroristas, que ocorrem a partir da interação de grupos fundamentalistas com a tecnologia proporcionada pelo sistema de redes.

Entretanto, existem reações contrárias à globalização, decorrentes da maneira como ela acontece. Os efeitos da globalização não são imediatos, pois circula e influencia o meio político e econômico, mantendo-se sempre um aspecto primariamente local e só posteriormente global.

Dessa forma, entende que o sistema de redes caracteriza a globalização possibilitando aos Estados o desenvolvimento de seu poder brando. É como sugere o autor, “quando a ação coletiva é indispensável para obtermos os resultados que queremos, o nosso poder é limitado por definição [...]”. (NYE, 2002, p.229)



Na era da informática, que caracteriza a contemporaneidade faz-se necessário tanto o poder duro quanto o brando para que a política externa de um Estado possa ser bem sucedida. A junção dos poderes proposta, remete ao conceito de poder inteligente.

De modo que, segundo Nye (2002), é necessário que os Estados aprendam a definir seus interesses nacionais para incluir os globais, esse arranjo é crucial para a longevidade do poder e para a aceitação, de outros, da sua hegemonia.

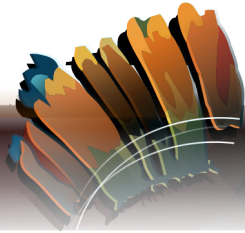
CONCEITO DE HEGEMONIA E SUA RELAÇÃO COM OS PODERES DESCRITOS POR NYE

Globalização e hegemonia estão intimamente relacionadas na contemporaneidade. Para Nye (2002), a hegemonia de uma nação se estende à economia, à moeda, aos setores militares, ao estilo de vida, ao idioma e à cultura. Para conservar a hegemonia, é necessário preservar a força ao mesmo tempo em que se interage, seletivamente, com o mundo. Mesmo parecendo com o conceito de poder inteligente, o termo não é enquadrado dentro de uma classificação teórica clara.

Nesse contexto, Alves (2010), entende que os postulados de Gramsci podem ser convenientes para o entendimento do conceito, uma vez que um grupo social que se encontre subordinado a outro, tem a tendência a adotar para si as mesmas concepções de mundo de quem o influencia, ainda que contraditórias às suas práticas.

Nye (2002) pensa o exercício do poder e o mostra como desempenho por meio do militarismo, contemporaneamente, porém, somente uma justificativa moral muito bem elaborada ou um perigo real de ameaça à sobrevivência da nação é capaz de garantir ao Estado, o apoio popular para o exercício da força bruta.

O poder bruto se apoia tanto em induções [...] como em ameaças. Mas existe um modo indireto de exercer o poder. Na política mundial, é possível que um país obtenha os resultados que quer porque os outros desejam acompanhá-lo, admirando os seus valores, imitando-lhe o exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e liberdade. [...] A este aspecto do poder [...] dou o nome de poder brando. Ele coopta as pessoas em vez de coagi-las. (NYE, 2002, p.36)



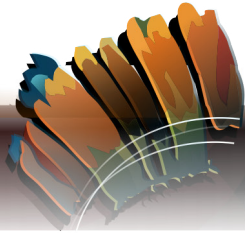
Logo, pode-se perceber que o poder brando atua por meio da política interna e externa através dos seus valores e influências. No entanto, nas mãos do governo, esse poder não sofre o mesmo domínio que o poder bruto. As fontes de poder (bruto, econômico, brando) são relevantes para a compreensão do mundo político atual, pois a descrição simplificada em que ocorreu sua evolução nos últimos séculos, o fere em diferentes graus.

É perceptível que o estudo do poder, requer uma análise bem focada, mesmo em nuances muitas vezes imperceptíveis, e Nye (2002) não deixa de dar-lhes a devida importância, a mesma ênfase aos aspectos do equilíbrio dentro de espaço hegemônico e chama a atenção para a maneira como uma nação reage ao domínio de outra, é assim que se estabelecem os parâmetros para a estabilidade ou para o desequilíbrio do governo.

Tudo o que é imposto ao outro é passível de oposição, por esse motivo, surgem especulações sobre a necessidade de se atuar politicamente utilizando o equilíbrio de poder. No entanto, Nye (2002) acredita que a expressão “equilíbrio de poder” é empregada de maneira contraditória e mecanicista.

Contraditória porque se um Estado cria políticas a fim de impedir possíveis ameaças a sua independência, as demais nações serão obrigadas a reagirem a esse poder para reestabelecer o equilíbrio. Mecanicista porque se distancia do alvo, ou seja, quando há a ascensão de uma potência, outras aderem a esta porque a consideram mais forte, sendo preferível se associar ao lado mais forte do que ao mais fraco. Logo, a percepção do autor é de que a desigualdade de poder pode gerar períodos de paz e estabilidade.

Nye (2012) argumenta que vínculos fracos podem servir de base para a união bem sucedida de grupos diversos, para a criação de redes de confiança que permitam a estes grupos trabalharem juntos e de maneira integrada em prol de objetivos comuns.



O QUE É PODER?

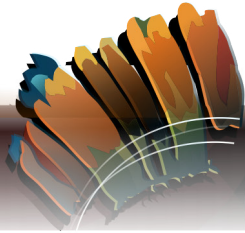
Já se falou de hegemonia, de equilíbrio, de força, do poder e do que lhe é relativo. Mas o que é poder? Qual é o seu significado? Para Nye (2002, p.30), “em termos simples, é a capacidade de obter os resultados desejados e, se necessário, mudar o comportamento dos outros para obtê-los”. Porém, tal capacidade está associada, na maioria das vezes, à posse de recursos como território, economia, recursos naturais, força militar, população e estabilidade política.

Em uma de suas obras mais recentes, Nye (2012) reafirma sua percepção inicial e acrescenta ao conceito a capacidade de influenciar, afetar e alterar o comportamento e/ou os valores e crenças de outros, seja em situações sociais e/ou políticas, a fim de se conseguir resultados. Assim, poder é uma junção entre a quantidade e eficiência de recursos.

Existem constantes discussões entre estudiosos da política e das relações internacionais que buscam definir qual tipo de poder é o mais eficaz e/ou relevante para os Estados que buscam estabelecer sua hegemonia, no entanto, Nye (2012) afirma que o poder não se estabelece de uma maneira estática e com base em apenas uma definição teórica, mas que envolve e engloba vários aspectos e recursos em um planejamento estruturado de estratégias que venham a ser eficazes para a nação, ou seja, são as capacidades de influência aliadas aos recursos de um Estado que determinam o grau de poder que este vai conseguir exercer.

Existem dois grandes deslocamentos de poder que estão ocorrendo no século XXI, são eles: o poder entre os Estados versus o poder dos Estados que se espalham para os atores não estatais. É a partir dessa visão que o autor traz sua concepção de relações transnacionais difusas, comparando o cenário internacional a um jogo de xadrez tridimensional, excluindo qualquer possibilidade de se tratar das atuações políticas dentro de uma ótica unipolar.

O autor afirma que quando a sociedade e a cultura de uma nação cuja hegemonia é atraente, se estabelecem como superior às demais, qualquer sensação de ameaça que os demais Estados sob seu domínio possam vir a sentir, ficam enfraquecidas, e conseqüentemente, a necessidade de equilibrar esse poder se desvanece.



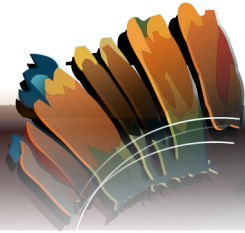
Como escreveu Joseph Joffe, „ao contrário dos séculos passados, nos quais a guerra era o grande árbitro, hoje os mais interessantes tipos de poder não saem do cano do fuzil [...] Atualmente compensa muito mais „levar os outros a quererem o que você quer , e isso tem a ver com atração cultural e ideologia, com estabelecimento de agendas e com a capacidade de oferecer [...] . (NYE, 2002, p.81)

Desse modo fica claro que muito mais recursos estão em pauta, exigindo do Estado hegemônico uma postura diferenciada para que possa permanecer no comando, caso contrário, outra potência o substituirá. Ou seja, estamos na era da informação e novas configurações de poder surgiram, interferindo na política mundial, trazendo tanto benefícios como vulnerabilidades, pois além de criar novos meios de comunicação, a tecnologia dá poder a indivíduos e a outras esferas não-estatais.

Mesmo sendo a política mundial cada vez mais complexa graças à revolução da informação, os países subdesenvolvidos ficam a mercê das grandes potências, pois estas têm tecnologias para acompanhar em tempo real e na maioria dos casos, com a mesma velocidade, a evolução dessas informações. Para Nye (2012), essa é uma das formas de exercer o *Soft Power*.

Ainda que tais fatores pareçam favoráveis ao domínio de grandes potências, não se deve acreditar que não existem aspectos negativos nesse grande cenário que excede os limites fronteiriços e de comando estatal. “Alguns aspectos da revolução da informação ajudam os pequenos, porém outros favorecem os já grandes e poderosos.” (NYE, 2002, p.115)

- O tamanho da rede – de interdependência – que se interliga e agrega valor à tecnologia (como no exemplo do celular que, um só aparelho não apresenta valor, mas dois sim; e se houverem cada vez mais, a rede se amplia);
- A capacidade de produzir novidades. Ou seja, que consegue ter acesso a informações antes mesmo que elas sejam de conhecimento público, está à frente dos demais;
- Os pioneiros de uma informação e/ou tecnologia, acabam ditando as regras e arquitetando o cenário de poder que exercerão sobre os seus seguidores. Logo, uma ideia nova o coloca em uma posição de superioridade;



- Facilidades a acesso de informações que anteriormente só eram possíveis aos militares criam o fortalecimento de Estados menores e mais fracos, ao mesmo tempo em que colocam as grandes potências numa situação de vulnerabilidade.

COMO SE RELACIONAM OS PODERES?

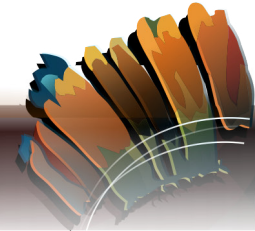
More (2012) mostra que o poder de uma nação se dá ou pelo *Hard Power* ou pelo *Soft Power*. Porém, o poder brando é resultado de fatores variáveis e tem fins específicos, não podendo ser direcionado ao acaso, mas, deve buscar uma ressonância na população, ou seja, a aceitação dessa mediante o seu exercício.

O conceito de *Hard Power*, descrito por Santos (2009) está associado a aspectos militares e econômicos que são utilizados como meios de coerção em relação àqueles sobre quem se quer exercer o poder. Nye (2012) diz que tanto um quanto o outro são importantes, no entanto, essa importância é relativa, pois depende do contexto em que ocorre e da maneira como exerce influência a fim de conseguir os seus resultados pretendidos.

O termo *Smart Power*, ou poder inteligente foi desenvolvido por Nye (2012) a fim de esclarecer algumas percepções equivocadas de que o poder brando tem a capacidade e autonomia de isoladamente proporcionar o desenvolvimento de uma política externa efetiva. Assim, descreve-o como a capacidade de um Estado de combinar os recursos de poder duro e brando, que geram as estratégias efetivas na política e consequentemente, levam aos resultados satisfatórios.

Santos (2009) interpreta o conceito de poder de maneira mais abrangente, e o descreve como uma competência de nível estatal de alcançar as metas estabelecidas, mesmo que para isso, o Estado interessado manipule por meio de estratégias diferenciadas os recursos disponíveis, sejam eles tradicionais – aqui representados pelo *Hard Power* – ou não, como os meios corporativistas, acordos institucionais, entre outros, que representam o Poder Brando – ou *Soft Power*.

Logo, as percepções desse autor não se distanciam do conceito primário de Nye e remetem ao conceito de poder inteligente. No entanto, deve-se ressaltar aqui que, para que essa combinação de poderes seja de fato eficaz, é antes de tudo necessário, que os detentores desses poderes



utilizem a inteligência contextual⁵ como ferramenta base na construção estratégica de políticas hegemônicas.

Essa necessidade se explica pelo fato de que o poder duro e o brando, muitas vezes se reforçam e em outras, enfraquecem um ao outro. E a capacidade de distinguir como eles agem e interagem em situações distintas só se dá por meio dessa inteligência contextual.

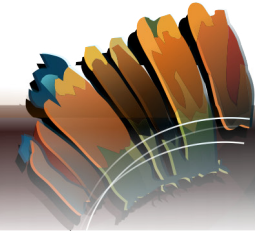
Gueraldi (2005) analisa o conceito de Soft Power e mostra que este surgiu com intuito de ilustrar didaticamente como se constituía o poder dos Estados Unidos no fim da década de 1980. Nye (2012) reafirma tal percepção ao mostrar que o termo surgiu como um conceito acadêmico criado para descrever e explicar as diferenças de poder que ultrapassavam o campo militar e econômico e alcançavam o midiático, ganhando repercussão no âmbito das relações internacionais. Ao poder brando estão associados recursos intangíveis como que vão desde instituições à ideias e valores.

Apesar de não ter os mesmos recursos que o *Hard Power*, e de parecer ser bem menos arriscado, o *Soft Power* é, em geral, *mais difícil de por em prática*, pois requer uma capacidade de convencimento, argumentação e influência sobre as crenças e ações dos outros sem que haja a imposição da força ou a promessa de recompensa; *é mais fácil de perder*, pois fatores externos ao ambiente político, como a própria cultura, que é um desses recursos, podem interferir de maneira negativa na imagem da nação dominante e leva-la a perda dessa hegemonia e; *é ainda o mais difícil de reestabelecer*, principalmente quando a confiança nesse poder já foi perdida e não é mais aceita como legítima.

[...] os governos têm dificuldade para utilizar o poder brando. Sustentar a atração [...] requer consistência da prática com valores. Ir além para projetar atração, ajustar agendas e persuadir é ainda mais difícil. [...] alguns dos objetivos gerais aos quais o poder brando é direcionado são difusos, e os governos raramente têm pleno controle de todos os instrumentos (NYE, 2012, p.138)

Essas percepções foram ressaltadas com a finalidade de mostrar que o poder brando, mesmo muito eficaz, possui algumas limitações. O poder brando em sua forma negativa, causa efeitos que podem ou não ser garantidos. Assim, se o poder brando exercido “[...] conduzir à corrupção e à destruição dos equilíbrios de poder existente entre os grupos sociais, pode também engendrar ressentimento, em vez de atração [...]” (Nye 2012, p.115).

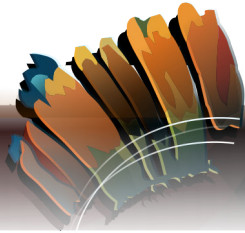
⁵ É a capacidade para entender um ambiente em evolução e capitalizar as tendências. Trata-se de uma habilidade crucial que os líderes precisam ter, a fim de converterem os recursos de poder em estratégias bem sucedidas. (Nye, 2012)



Santos (2009), parte do mesmo ponto para conceber seus argumentos sobre o poder, e diz que o *Soft Power* pode ser melhor visualizado no período do pós Guerra Fria, devido ao surgimento de novos atores no sistema internacional que, em sua maioria, não podem contar com o poder bélico, e que para terem um certo grau de efetividade em suas atividades, utilizam-se de métodos de persuasão e/ou domínio diferenciados.

Existem dois resultados recorrentes do uso do poder brando segundo Nye (2012): o direto e o indireto. No modelo direto, um líder pode ser atraído e/ou persuadido por outro a partir de sua benignidade, carisma e competência. No modelo indireto – que segundo Nye, é o mais comum – o público e terceiros sofrem influências que acabam por mobilizar suas ações e condutas, alcançando assim, líderes políticos que atuam a fim de representar essas demandas públicas.

Segundo Nye (2002), o poder brando tem a capacidade de a) levar um Estado a definir sua agenda, conforme seus interesses internos e externos, para posteriormente formar as preferências dos demais; b) de seduzir e atrair, fazendo com que aquele que se sente atraído, aceite essa superioridade e, em alguns casos, até imite as características que lhe chamaram atenção; c) de se relacionar com o poder bruto e assim se reforçarem mutuamente e; d) de estabelecer regras e padrões internacionais que sejam compatíveis com suas leis, cultura, vontades e demandas sociais internas, sem que seja necessário utilizar-se da força bruta para tal.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi abordado por Nye e pelos demais autores na discussão sobre o poder brando, foi possível perceber que o conceito de *Soft Power* nunca está desvinculado do conceito de *Hard Power* e principalmente, do conceito de hegemonia, ainda que este último, não tenha uma definição clara e específica.

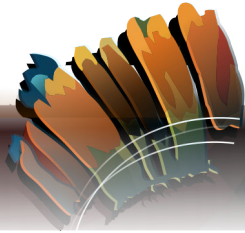
Há uma alusão ao fato de que o *Soft Power* está diretamente ligado à política externa de um país que é aceita por outro como legítima, mas se um país não reconhece o outro como sendo detentor do poder, não existe *Soft Power*.

Essa e outras limitações do *Soft Power* mostram que ele não é capaz de isoladamente causar mudanças definitivas no cenário político, o que fica claro quando se encontram vácuos de poder nesse exercício político, o que, de acordo com Lima (2012), propiciam a países mais fortes o exercício de certo nível de poder, em casos hegemônicos sobre um determinado grupo e/ou situações específicas, e que posteriormente podem se expandir levando a um grau elevado de domínio de um Estado sobre o outro.

Assim, pode-se considerar que poder brando é um conceito que está diretamente ligado aos interesses nacionais e que o ganho do Estado que o detém está na capacidade de manipular a interdependência de outros em áreas em que são fortes ao mesmo tempo em que evitam ser manipulados em áreas em que são relativamente fracos.

Não existe estabilidade dentro do poder, pois ele também depende das relações, contextos e meios de ação das/e entre as nações. Entretanto, trata-se de um conceito amplo e que pode ser extensivo a outras áreas de domínio, e não apenas ao cenário político.

Mesmo partindo de um posicionamento liberalista, Nye consegue expor sua análise sobre o poder como um todo de forma contundente e o fato de levar em conta detalhes e nuances do poder que muitas vezes são imperceptíveis para um olhar desatento, ou que acabam sendo ignorados por outros estudiosos, faz com que sua teoria aspectos convincentes.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**. Lua Nova: São Paulo, 2010. Pp. 71-96. Acesso em: 22/08/2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>

GUERALDI, Ronaldo Guimarães. **A aplicação do conceito de poder brando (Soft Power) na política externa brasileira**. Versão preliminar da dissertação de mestrado. 2005. Acesso em: 27 de setembro de 2012. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br>

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Maria R. S. de. **O Brasil, os BRICS e a institucionalização do conflito internacional**. [In] Mesa-redonda: O Brasil, os BRICS e a agenda internacional /Apresentação do Embaixador José Vicente de Sá Pimentel - Brasília: FUNAG, 2012. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/OBrasileosBrics.pdf> Acesso em: 23 de novembro de 2012.

MORE, Isaias Albertin de. **O Soft Power e a construção da hegemonia estadunidense ao longo do século XX**. Brasília: ABRI, 2012. Acesso em: 20 de setembro de 2012. Disponível em: http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=OCCAQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.seminariopos2012.abri.org.br%2Farquivo%2Fdownload%3FID_ARQUIVO%3D485&ei=O7djULKQKcyyOQG5tIHwCg&usg=AFQjCNEyi02wixqMOoO4RBLLjFPi9pqs9g&sig2=R1Vq_A15qjaN3_luNZF0dQ

NYE JR, Joseph S. **O paradoxo do poder Americano: por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. O futuro do poder. São Paulo: Benvirá, 2012.

SANTOS, Aline Pavan dos. **Inserção Internacional do Brasil: o Poder Brando e a política externa do governo Lula**. São Paulo, 2009.